

Líderes aguardam definição

Madalena Rodrigues

Ontem às 15h30m, o líder do PFL, senador Marco Maciel, entrava afofado no Congresso Nacional, depois de um almoço com o presidente Fernando Collor. Esperavam por ele, para uma reunião, os líderes do PMDB no Senado, Ronan Tito, e o líder do PSDB, Fernando Henrique Cardoso. Em pauta havia dois assuntos urgentes e fundamentais para a administração da política econômica: a negociação da dívida externa e os limites de endividamento dos estados e municípios. Mas decidir sobre esses temas não foi fácil, por um simples motivo: não houve articulação prévia entre o Executivo e os parlamentares para a votação sobre os dois temas, e a única saída foi tentar conversar de última hora com o governo.

Tito interrompeu a reunião, depois de meia hora de discussão, e pediu à sua secretária que localizasse Ibrahim Eris, presidente do Banco Central. Eris estava em trânsito entre São Paulo e Brasília. "Então tente o Luís Eduardo de Assis, diretor de Política Monetária do Banco Central", recorreu Tito. Assis estava em reunião e, do lado de cá, a conversa dos líderes teve de esperar até que Assis ligasse. Somente depois de uma longa conversa telefônica com o diretor do BC, os líderes puderam, final-

mente, fechar um acordo para fixar as regras de endividamento para estados e municípios.

Mas o assunto dívida externa continuou no ar, sem definição sobre a votação do projeto de resolução do Senado, que estava previsto para ontem e devido à total desarticulação entre Executivo e Senado, acabou adiado para hoje ou amanhã. À noite, indagado sobre uma definição para a resolução do Senado, que fixará os parâmetros para a negociação com os credores estrangeiros, o principal negociador da dívida, embaixador Jório Dauster, limitava-se a responder: "Nada a declarar sobre isso." E a indefinição permaneceu, à espera de uma solução improvisada nas próximas horas.

☐ O porta-voz do Palácio do Planalto, Cláudio Humberto Rosa e Silva, desmentiu ontem informação divulgada pelo jornal *Washington Post* de que o presidente norte-americano, George Bush, cobrou do governo brasileiro, durante sua recente visita a Brasília, o pagamento dos juros atrasados da dívida externa aos bancos dos Estados Unidos. Ao ser indagado sobre a notícia, que dava conta de idêntica cobrança de Bush ao presidente da Argentina, Carlos Menem, Rosa e Silva foi taxativo. "Isso não é verdade. É um desrespeito reduzir o presidente George Bush à função de cobrador dos bancos."